

O Largo Pateo do Collegio e o súbito encanto com o lugar

The “Largo Pateo do Collegio” and the sudden allurements to the place

Ivan Fortunato

Doutor em Geografia pela UNESP, Rio Claro.
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus de Itapetininga
ivanfrt@yahoo.com.br

Resumo

Com base na Geografia Humanista, neste artigo apresenta-se o Pateo do Collegio (o lugar) a partir de uma perspectiva de encantamento, de aproximação afetiva, procurando esclarecer que a escolha do Pateo enquanto lugar de pesquisa não foi feita por conta de suas qualidades históricas ou de local sagrado, mas, por causa de um repentino fascínio sentido quando, durante um momento de flânar e deixar-se perder pelo Centro Histórico da cidade de São Paulo, espontaneamente descobriu-se o lugar. O encanto sentido subitamente suscitou a vontade de conhecê-lo empiricamente, mas também geográfica e historicamente. Ao percorrê-lo diversas vezes, descobriu-se nomes distintos, usos variados e um ritmo diurno-noturno muito bem delineado. Apresenta-se indícios a respeito da essência histórica e simbólica do lugar, ao mesmo tempo em que se buscou revelar os aspectos que o tornam um lugar de acolhimento, mas, também emblemático. Ao final, espera-se demonstrar a importância dos lugares para a vida, ao mesmo tempo em que motive o reconhecimento da importância do sentido de lugar como mobilizador da existência e das experiências humanas.

Palavras-chave: lugar, geograficidade, Pateo do Collegio, Centro Histórico de São Paulo.

Abstract

Based on the Humanistic Geography, this article presents the Pateo do Collegio (the place) from a charming perspective, affective approach, seeking to clarify the choice of Pateo as a place of research was not made because of its historical qualities or sacred site, but because of a sudden fascination sense when, during a time of strolling and let yourself lose the historic center of the city of São Paulo, spontaneously discovered the place. The charm sense suddenly raised the desire to know it empirically, but also geographically and historically. To go through it several times, we find different names, different uses and a daytime-night rhythm very well designed. Here clues as to the historical and symbolic essence of the place, while it sought to reveal the aspects that make it a place of welcome, but also emblematic. At the end, we hope to demonstrate the importance of the places for life at the same time motivate the recognition of the importance of the sense of place as a mobilizer of existence and of human experiences.

Keywords: place, geographicity, Pateo do Collegio, Sao Paulo Historic Center.

1. COMO UM SÚBITO ENCANTO MOTIVA PESQUISAR UM LUGAR

(...) a singularidade expressiva do lugar reclama da parte do ser humano uma capacidade compreensiva. Compreender um lugar [...] consiste em traduzir a emoção bruta que esse encontro faz nascer e crescer em nós, em outra linguagem, possuidora de um poder de elucidação. Compreender é interpretar um sentido imediatamente percebido porque pertence ao próprio lugar. É articular uma apreensão, que é o signo de uma concordância súbita do ritmo de nosso ser e da forma do mundo (BESSE, 2011, p. 130).

Segundo as ideias expressas na epígrafe, ser no mundo não é apenas estar no mundo, mas compreender o sentido dessa existência em si, a qual é parte intrínseca da nossa conexão com o próprio mundo. Essa conexão, por sua vez, se dá por meio de nossas realizações no lugar vivido. Dessa forma, compreender o lugar é perceber, interpretar e reconhecer o sentido atribuído à própria vida... daí o sentido do lugar como algo muito diferente de mera refração de nossa existência, mas como “signo de uma concordância súbita” de que somos no mundo e, portanto, *ser* tem a ver com *estar* em reciprocidade com o lugar onde vivemos.

Por isso, este artigo¹ sobre **lugar** começa com uma narração-descrição praticamente etnográfica, na qual é revelado o momento do primeiro encontro entre pesquisador e o Pateo do Collegio – o lugar –, e os motivos levaram a nomear essa conexão de súbito encanto... Entre narrar e descrever, o lugar e sua localização cartográfica são apresentados por meio de caminhadas descritivas, desenvolvidas espontaneamente no lugar e artérias adjacentes, no Centro Histórico da cidade de São Paulo, com o objetivo principal de reconhecimento da área. Um croqui ilustrado e fotografias complementam a narrativa.

Mais do que flunar pelo centro da cidade e situar geograficamente o lugar, apresenta-se um panorama de sua historicidade e geograficidade. Nessas primeiras palavras sobre sua história, é feito um retorno à fundação jesuíta da vila de São Paulo de Piratininga, no ano de 1554, demonstrando o quanto é forte essa relação entre o Pateo do Collegio (o lugar) e a fé religiosa. Também é esclarecida a importância histórica do lugar para a cidade e o seu reconhecimento, por meio do ato de tombamento.

No entanto, pretende-se ir além: porque junto com esse súbito encanto, despertado pelo encontro espontâneo com o coração vivo da cidade, veio uma agradável curiosidade de conhecer o Pateo do Collegio... Assim, muito mais do que caminhar por toda sua extensão, contemplar suas particularidades e desvendar sua história, essa pesquisa surge com o intento de revelar o Pateo como lugar para a cidade de São Paulo... um lugar valorizado pelos seus aspectos simbólico e telúrico, mas também lugar de vida e acolhimento, percebido e reconhecido pelas experiências diretas vividas em seu cotidiano – como a relação entre o lugar e o lar aqui delineada com a ajuda da poética do espaço de Bachelard (1993).

A narrativa desse encanto, insurgido como súbito encanto pelo acolhimento do lugar, no Centro Histórico da cidade de São Paulo, tem como propósito estabelecer a ligação afetiva com o Pateo do Collegio, assim como demonstrar a relação entre o Pateo do Collegio e a própria cidade. Mais, surge com o objetivo de recuperar o sentido trazido pela geograficidade de Dardel (2011) – que

¹ Este artigo foi desenvolvido a partir de elementos de tese de doutoramento em Geografia apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Neto, na cidade de Rio Claro, São Paulo, Brasil, sob orientação de Lívia de Oliveira.

revela a comunhão entre pessoa e lugar –, e a conseqüente compreensão desse sentido pela ótica da Geografia Humanista, que parte em busca da ontologia do lugar (e dos lugares) e sua importância na existência humana. Nessa procura, a relação humana com os lugares deixa de ser analisada somente pelas características objetivas do ambiente, ou pelos predicados quanti e qualitativos de seus habitantes, mas também passa a ser iluminada pelos sentidos de afeto, que nos aproximam, ou pelas sensações de medo e pavor, que nos afastam dos lugares.

Assim, não são apenas seus atributos históricos e simbólicos que direcionam o olhar para o Pateo do Collegio, porque os sentidos de aproximação afetiva despertados pelo nosso encontro, combinados com lembranças vivas e própria história de vida, levaram à compreensão e percepção de que, na imensidão construída da cidade São Paulo, existe um lugar de acolhimento, contemplado, pela visão poética dos espaços de Bachelard, como um lugar onde se encontra paz.

2. GEOGRAFIA, GEOGRAFICIDADE E A PESQUISA SOBRE O PATEO DO COLLEGIO

Nessa busca pelo sentido ontológico do Pateo do Collegio, teve-se como propósito reconhecer, revelar e qualificar essa geofraficidade, identificando não só suas transformações culturais e morfológicas ao longo de sua história, localizando elementos que configuram sua própria identidade, mas, também, seus aspectos cotidianos, catalisadores de elos afetivos com esse lugar. Esse propósito levou ao reconhecimento da histórica e multicultural presença humana no Pateo do Collegio, e os múltiplos sentidos atribuídos nessa secular geofraficidade, constituída por uma relação estabelecida entre os valores culturais e a própria ontologia do lugar.

Epistemologicamente, essa pesquisa está ancorada nos estudos da Geografia Humanista, cuja fundação remonta às ideias de Dardel (2011) sobre geofraficidade, enunciadas no início dos anos 1950, revelando a existência de uma relação afetiva, visceral e emocional, que liga o ser humano aos lugares do planeta Terra. Perspectiva fundamentada em uma compreensão fenomenológica de mundo, entendendo os lugares não como recipientes vazios, mas como desdobramentos da própria vida humana, reflexos de seus valores, de sua simbologia, significados, economia, política, poder etc.

Ao examinar a geofraficidade, Relph (1979, p. 18) afirmou ter encontrado uma palavra que “encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuirmos conceitos a essas experiências”. Uma palavra que está no princípio do pensamento geográfico desenvolvido a partir da experiência direta, se isentando de predeterminações e objetivações que restringem os sentidos daquilo que é vivido na relação com o lugar. Para Relph (1979, p. 1), “tais fenômenos da experiência são a substância de nossos envolvimentos no mundo e constituem as bases do corpo formal de conhecimento que designamos geografia”. Uma geografia

que se mostra disposta a conhecer o cotidiano, e a cumplicidade orgânica entre o ser humano e o mundo onde desenvolve a experiência.

Para estudar o Pateo do Collegio, partiu-se, então, desse pensamento geográfico que compreende a mútua relação entre o ser humano e os lugares que organiza e transforma, ora tornando-se reflexo de nossa própria condição cultural. Nesse contexto, identificar e ressaltar o sentido de lugar equivale a encontrar sentido na própria experiência e, portanto, torna-se uma preocupação legítima com o próprio sentido da vida... Assim, as investigações desenvolvidas sob essa ótica examinam a experiência do cotidiano, procurando compreender conexões afetivas e/ou aversivas com o lugar, a partir do relacionamento entre o ambiente e o mundo interno das pessoas, que é o mundo da memória, da fantasia, da emoção... E conforme o Pateo do Collegio foi descortinando-se diante os olhos deste pesquisador, tornava-se evidente que o sentido de lugar é ao mesmo tempo pessoal e coletivo.

Quando passamos em vista os avanços e desdobramentos da Geografia Humanista desde Dardel (2011), verificamos que foi se desenvolvendo uma ideia muito contundente sobre a relação Homem-Terra, que é essa busca pela ontologia dos lugares, procurando revelar, por meio da fenomenologia, a essência de ser-no-mundo, não apenas do humano, mas dos próprios lugares com os quais, reciprocamente, desenvolvemos nossas experiências. Essas palavras ressoam com a ideia de Marandola Junior (2012b, p. XV) de que os estudos humanistas tem se tornado profundos exames do sentido de lugar como “essência da experiência geográfica”, da existência humana como ser-no-mundo... Na busca pela ontologia de um lugar como o Pateo do Collegio, há, portanto, a necessidade de se voltar à sua própria essência, por meio de uma incursão pela sua existência concreta e simbólica, histórica e cotidiana.

Metodologicamente, esse pensamento geográfico fundamentado sobre a perspectiva ontológica deve considerar que o lugar ontológico é um fenômeno muito mais vivido e sentido do que observado e descrito. Por isso, torna-se imprescindível considerar as múltiplas percepções e experiências desenvolvidas no lugar e, ao mesmo tempo, estar atento às imprecisões, contradições e incertezas que pairam sobre a complexa relação entre o ser humano e o mundo. Tuan (1989) evidenciou a metodologia de um geógrafo humanista ao afirmar que:

The technique of a cultural-humanistic (descriptions) geographer is basically that of a storyteller, someone who knows well the people whose story he or she tells but who, in the very act of telling it, becomes an outsider for the duration. As the narrator recalls the details, arranges them into an intelligible and significant pattern, he or she stands above or outside the material. A storyteller is necessarily a theorist (Greek for spectator). His or her description is inexpungibly mixed with exegesis and interpretation, for ordinary language not only contains interpretative conjunctions that invite use (since, for, because, therefore, etc.), but is also very rich in words that reverberate – that hint at relationships – beyond their literal meanings² (TUAN, 1989, p. 240).

² Tradução livre: A técnica de um geógrafo humanista-cultural (descrições) é basicamente a de um contador de histórias, alguém que conhece bem as pessoas cuja história ele ou ela conta, mas que, no próprio ato de contar, torna-se um estranho.

Nesse trecho citado, há uma abordagem metodológica muito bem definida: o geógrafo como narrador. Ao contar o lugar pela perspectiva humanista, era preciso ir além das descrições paisagísticas e morfológicas sobre o Pateo do Collegio, mas, nosso foco era guiado pela sua própria essência, revelada em sua geograficidade. Por isso, enquanto narrador desse lugar tão emblemático da cidade de São Paulo, essa descrição foi desenvolvida por intermédio de um complexo jogo estabelecido entre três elementos fundamentais, a saber: (1.) minha particular experiência com o lugar e os significados e valores atribuídos nessa relação geográfica; (2.) o sentido coletivo de lugar, evidenciado na literatura e na sua historiografia, mas também construído nas mais diversas experiências apreendidas em inúmeras conversas e várias visitas para observação do seu cotidiano multifacetado; (3) e a própria ontologia do Pateo do Collegio, cuja essência foi constituindo-se ao longo de sua biografia, enquanto lugar de fundação, batismo e desenvolvimento da cidade de São Paulo.

3. O ENCONTRO GEOGRÁFICO COM O PATEO DO COLLEGIO

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.
(ANDRADE, 1976, p. 77-78).

Muito embora tenha nascido na cidade de São Paulo, no início dos anos 1980, somente me tornaria paulistano pouco mais de duas décadas mais tarde, quando, na condição de cidadão e habitante da metrópole, reconheceria a cumplicidade afetiva por minha terra natal. Isso talvez porque não tenha tido nenhum contato com a cidade que consta em minha certidão de nascimento, tendo sido criado no interior do estado, curiosamente em outra cidade dedicada a um apóstolo: São Pedro. Poderia creditar tal fato a uma simples coincidência, afinal, nunca me dediquei à religião e, crenças à parte, costumo dizer que sou ateu. Contudo, ao olhar atentamente para o elo estabelecido com São Paulo, sinto que tal sincronia não é apenas uma obra do acaso... Afinal, conforme espero esclarecer

Como o narrador recorda os detalhes, os organiza em um padrão inteligível e significativo, ele ou ela permanece acima ou fora do material narrado. Um contador de histórias é, necessariamente, um teórico (grego para espectador). Sua descrição é misturada com interpretação profunda, porque a linguagem comum não só contém conjunções interpretativas que convidam uso (uma vez que, para, porque, portanto, etc), mas também é muito rica em palavras que ecoam - que fazem alusão a relações - além de seus significados literais.

nessas páginas, foi um encontro repentino com uma singela capela, bem no centro de São Paulo, que acendeu a conexão com esta cidade, que é berço de muitas vivências pessoais: foi aqui que construí meu lar, tive oportunidades de emprego e iniciei meus estudos de pós-graduação.

Apesar de paulistano de nascimento, considero-me um imigrante que foi conhecendo, conversando e aprendendo com a cidade que, a cada dia, melhor me acolhe. Troquei o interior do estado pela capital no começo de 2006, e permaneci no bairro Carrão, zona leste, até me mudar para a Mooca, também na zona leste, em novembro deste mesmo ano. Estamos em 2016 e, nesses anos como paulistano, sempre me senti encantado pelo seu centro velho – também conhecido como Centrão –, apesar desse local ser pouco atraente para muitos, que o consideram um espaço de medo, vulgar, deteriorado, sujo, malcheiroso, ponto de tráfico e utilização de drogas, prostituição, assaltos etc. Embora impregnado de história e cultura, essas desqualificações e o receio de visitar essa área ressoam, para mim, como um local paradoxal entre encanto e desencanto.

Compartilhar minhas experiências no e com o Centrão é mais do que apenas interessante, porque foram os momentos vividos no lugar que criaram e fortaleceram os laços de cumplicidade com esse lugar, que é o coração da metrópole paulistana. Aliás, conforme declama Mário de Andrade (1976), na epígrafe, é o coração vivo da cidade, onde o poeta deixou seu próprio coração, em respeito, homenagem, admiração e amor pelo lugar, que pulsa no âmago da Paulicéia Desvairada ...

Assim, durante meus primeiros meses como cidadão paulistano, o que mais gostava de fazer era flunar pelas ruas do velho centro, buscando familiarizar-me com a cidade que me acolhia: olhava o movimento nas ruas, as lojas de discos, os sebos, a arquitetura... Às vezes, refazia os passos de meus pais, que nasceram, cresceram e se casaram em São Paulo, tendo o Centrão como local de trabalho e lazer. Outras vezes, ia apenas caminhar pelos calçadões para me aproximar dos edifícios históricos, ou para conhecer suas galerias de compras, muito diferentes dos padronizados shopping centers, ou apenas para lá estar... Anos mais tarde, flunar por suas ruas ainda é um das minhas atividades preferidas. Flunar, para Baudelaire (1964), é verbo que significa exatamente isso: caminhar pela cidade com nenhum outro propósito senão o de conhecê-la, admirá-la, respeitá-la:

No entanto, não é fácil caminhar pelo Centro Velho. Escrevo isso não apenas pelo medo de assaltos e outros incômodos que pairam sobre a imagem que algumas pessoas tem do Centrão, inclusive muitas pessoas do meu convívio cotidiano, que pouco compartilham minha atração e afeto pelo lugar. A dificuldade de se flunar por suas ruas está na própria velocidade da vida na grande metrópole, porque, apesar dos inúmeros calçadões construídos para torná-lo um local de pedestres, sente-se que o lugar não serve para ser vivido porque não há tempo ou espaço para contemplar sua paisagem, afinal, aquele que para com o intuito de observar, pode se tornar um obstáculo para o fluxo de pessoas apressadas. Ainda, os calçadões limitam o acesso de veículos, portanto, suas vias públicas e faixas de rolamento passam a ser disputadas pelos carros, ônibus e pedestres. Também existem

praças, mas não há bancos para se sentar. Existem inúmeras lanchonetes, mas pouquíssimas mesas. Suas ruas são estreitas, e a verticalização que as envolve diminui iluminação e ventilação. Pode-se dizer que o Centro Velho sufoca. Aliás, este sufoco que é o Centro, é algo sentido em primeira pessoa, reflexo de experiências vividas nos contatos iniciais com o lugar.

Um dos meus primeiros momentos vividos nesse Centrão começou na saída da estação do metrô da Praça da Sé. Não acostumado com a cidade, logo me vi submerso por uma infinidade de fenômenos urbanos: buzinas, trólebus, carros, filas, espetáculos a céu aberto, pregadores preconizando o fim dos tempos, mendigos, ambulantes, vendedores, varredores, policiais, apressados, turistas, fortalezas verticais, fumaça, grafites, cortiços... Tudo isso junto, pela primeira vez, embriaga... Nessa vertigem de estímulos, minha caminhada sem rumo foi encontrar fôlego em um largo quase vazio, exceto por um obelisco, uma base policial, um ponto de ônibus, e um sobrado branco adjacente a uma pequena igreja. Uma visão de estranhamento, porque aquela imagem surgiu como um oásis na paisagem de estímulos infindáveis do Centrão. Naquele momento, senti proximidade com o lugar: talvez pela arquitetura que devolve à cidade de São Paulo sua época colonial, mais lenta, mais pacata, mais relacional, e me remete às lembranças nostálgicas da pequena cidade no interior paulista onde cresci; ou talvez porque o largo que, diferentemente das ruas e calçadas do Centro Velho, não foi engolido pela verticalização do progresso, e permite respirar, sentir sua ambiência e admirar o lugar!

Assim, em meio à pressa, ao concreto, à verticalização, à grandeza da Catedral da Sé e do Teatro Municipal, da gastronomia do Mercado Municipal, do comércio popular da Rua Vinte e Cinco de Março etc., existe, no centro paulistano, entre as estações de metrô São Bento e Sé (sentido norte-sul), e entre o Parque Dom Pedro II e o Vale do Anhangabaú (sentido leste-oeste), um local que respira: uma pequena construção ilhada em um largo simples, um sobrado branco com portas e janelas azuis, uma torre para o sino e a igreja: é o Pátio do Colégio. Quando o conheci, no entanto, não sabia onde estava, nem que aquela pequena construção no início do Viaduto Boa Vista era um local histórico, além de palco de longas disputas políticas e de poder.

Não sabia onde estava... no entanto, de imediato, senti-me encantado e atraído pelo lugar, ao mesmo tempo curioso e instigado por sua imagem e ambiente, que contrastam com seu entorno. E entre encanto e estranhamento, queria cada vez mais estar lá e apresentá-lo a amigos e familiares, compartilhando essa minha descoberta no Centrão. Com isso, veio uma vontade de conhecê-lo ainda melhor, de forma a entender esse elo que nos conectara de imediato.... Um anseio geográfico, como Dardel (2011) havia idealizado quando pensava sobre a geograficidade da Terra: “(...) Mas antes do geógrafo e da sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de flanquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível” (DARDEL, 2011, p. 1).

O encontro com esse lugar, o Pátio do Colégio, despertara em mim essa impávida vontade de desbravar o desconhecido, de explorar o lugar e os horizontes que ele nos permite alcançar, fazendo com que me debruçasse sobre sua história e seu cotidiano, instigando leituras e caminhadas, conversas e questionamentos. Enfim, tornando-me, ainda que ao acaso, um geógrafo. Mas um geógrafo em ato, disposto a circunscrever a complexidade do lugar que me atraía, ao mesmo tempo em que tornava mais palpitante a minha experiência, e minha própria existência, por vezes sufocada pelas contingências da vida na grande metrópole.

Esse lugar de encanto, o Pátio do Colégio, está localizado em uma das arestas da área conhecida como Triângulo Histórico – o sítio urbano mais antigo da cidade de São Paulo –, delimitada, contemporaneamente, pela Praça da Sé (sul), pelo Mosteiro São Bento (norte) e pelo entroncamento da Rua Direita com a Rua São Bento (leste), onde se localiza a Praça do Patriarca... Durante os anos coloniais, a cidade se assentou sobre essa ribanceira colina entre a várzea do rio Tamanduateí e do ribeiro Anhangabaú, e o plano circulável nesta área daria origem a três ruas, cujo traçado se aproximava de um triângulo enquanto figura geométrica de três vértices e três arestas. Estas ruas ainda existem no velho centro paulistano: São Bento, Direita e XV de Novembro (...) “o centro comercial e a área residencial mais nobre de São Paulo localizavam-se no planalto da colina, principalmente no chamado triângulo, área delimitada pelas ruas Direita (Rua Direita de Santo Antônio), São Bento (Rua Direita de São Bento) e XV de Novembro (antiga Rua do Rosário) e seu entorno” (ARANTES NETO, 2000, p. 46).

Apesar do Triângulo original ainda existir no Centro Histórico, o intenso movimento em direção à modernização da cidade de São Paulo – iniciado entre o final do século XIX e o começo do século XX por conta de diversos fatores econômicos, sociais e políticos, a exemplo da criação dos parques industriais nas proximidades e a consequente instalação de escritórios, bancos e serviços no centro –, trouxe inúmeras alterações morfológicas e paisagísticas nessa área central. Todas essas alterações levariam à construção do viaduto na Rua Boa Vista (uma estrutura de concreto, desenhada em art decô pelo arquiteto Oswald Bratke) que, segundo Mange (1993), era obra idealizada desde o final do século XIX como alternativa para diminuir o congestionamento e facilitar a intensa circulação de automóveis e pessoas pelo centro, mas que somente seria concretizada e inaugurada no ano de 1931... A inauguração desse viaduto promoveria uma dilatação do triângulo original, porque o vértice que ficava na Rua XV de Novembro seria deslocada para a Rua Boa Vista e, portanto, o Pátio do Colégio passaria a fazer parte dessa localização especial no Centrão, que é seu Triângulo Histórico...

O croqui da figura 01 mostra onde fica o Pátio do Colégio, e o desenho das ruas adjacentes revelam porque a área recebe o nome de triângulo.

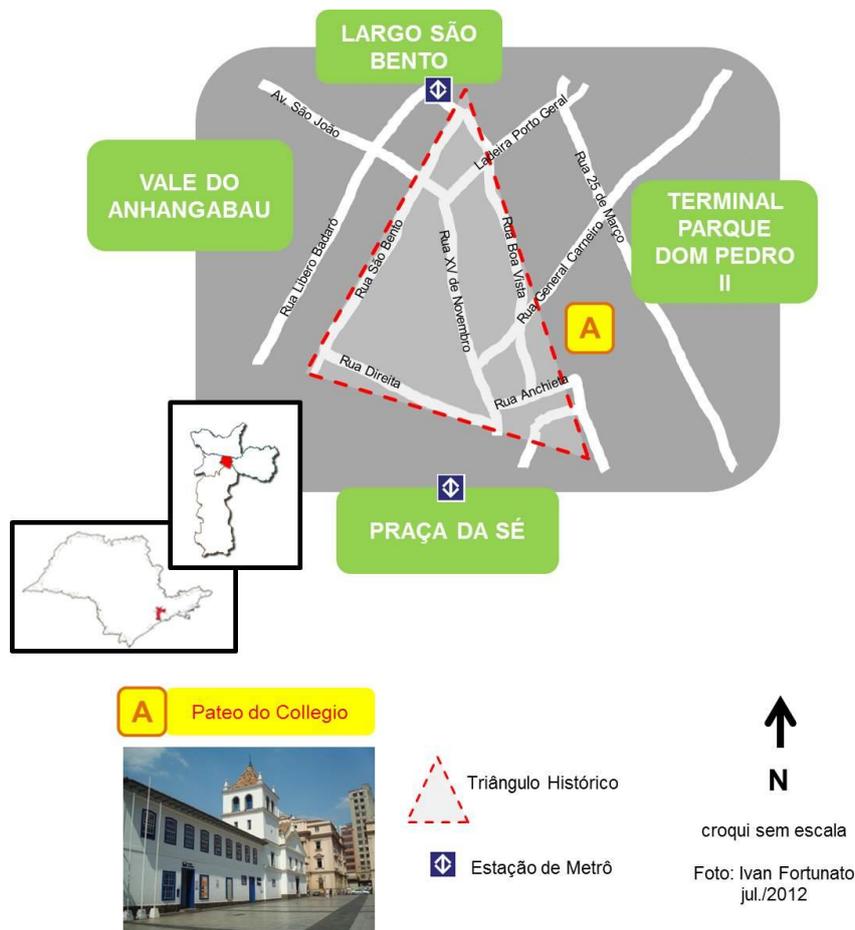


Figura 1 - Localização do Pateo do Colégio, no Centro Histórico de São Paulo. Elaboração própria a partir de google.maps, maio/2014.

4. PATEO DO COLLEGIO: NOME E LUGAR

Pateo do Colégio na tradição e nos documentos. Pátio do Colégio na modernidade que se insere pelo querer do povo. Respeito ao ontem Pateo do Colégio; adesão ao hoje o Pátio do Colégio. Sempre o coração de São Paulo (DONATO, 2008, p. 2).

O Pátio do Colégio é um lugar tão encantador e cheio de mistérios, que até seu nome é enigmático. Afirma-se isso porque há, conforme se descobriu durante caminhadas exploratórias e de reconhecimento, pelo menos, três formas distintas de grafá-lo, sendo que todas estão visíveis no próprio lugar: Pátio do Colégio; Pátio do Colégio e Pateo do Colégio. Vejamos.

Grande parte da literatura especializada (SALGADO, 1976; LIMA, 1999; LOMONACO, 2004; TORRES, 2004) e a Secretaria de Turismo, por meio da placa marrom de identificação de atrativo turístico, se referem ao lugar como Pátio do Colégio, seguindo a norma culta e contemporânea da língua portuguesa. Já para a prefeitura do município de São Paulo, o lugar chama Largo Pátio do Colégio, conforme escrito nas placas indicativas dos nomes dos logradouros... Contudo, o próprio lugar *prefere* ser reconhecido por uma forma arcaica de grafar seu nome, conforme estampado no Marco Histórico da Fundação de São Paulo e na extremidade norte da parede de sua fachada, nas

mensagens no interior do edifício principal, e também no seu sítio virtual da *internet*, onde está expresso: “Bem no centro da metrópole, o Pateo do Collegio sobrevive em meio aos arranhacéus, bancos e indústrias que abrigam a capital³”.

Dardel (2011, p. 2) escreveu que os lugares da vida humana “tem nome próprio: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo...”, apresentando uma visão que compreende os lugares não como algo indiferente ou somente pano de fundo da experiência, uma vez que circunscrevem e envolvem a existência humana. Os lugares são seres ontológicos, conceituação fundamentada no existencialismo de Heidegger, que entende o mundo como a presença cotidiana sendo que, para Marandola Junior (2012a, p. 244), “a constituição do lugar e do eu são indissociáveis, pois têm os mesmos processos constitutivo, operando nos dois polos: eu-lugar”.

Nessa direção, é possível afirmar que, assim como as pessoas, os lugares também tem sua história, sua identidade e, claro, um nome próprio, que os distinguem dos demais e os tornam únicos. Assim, pensar em como grafar o nome desse lugar não é mero capricho, mas uma forma de tratá-lo com o devido cuidado e respeito, além de mencionar sua essência, e reconhecer a sua existência no mundo, de ser-no-mundo, e com ele nos conectarmos. Por esse motivo que, das três possibilidades, apenas uma assegura sua existência única, porque enquanto existem pátios e existem colégios, há apenas *um lugar* que podemos chamar de **Pateo do Collegio**. E assim como as pessoas que gostamos são chamadas de forma afetiva por um apelido, o lugar, às vezes, é referido apenas como **Pateo**.

E para continuar satisfazendo minha curiosidade, decidi debruçar-me sobre sua história, descobrindo que nesse local a cidade de São Paulo foi oficialmente fundada pelo batismo da terra celebrado pelos jesuítas, no dia 25 de janeiro de 1554. O princípio dessa ocupação foi a criação de uma escola para os meninos indígenas, onde os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, dentre outros, catequizariam os curumins, além de ensiná-los a ler, escrever e os princípios de filosofia e da matemática. Daí a afirmação de Lomonaco (2004, p. 114): “São Paulo provavelmente é a única metrópole do mundo nascida de um colégio”.

Além dessa simbologia, em mais de 450 anos de história, o Pateo do Collegio tornou-se núcleo da evolução e transformações da cidade de São Paulo, sendo também transformado, ora destruído, ora reconstruído, de acordo com o contexto econômico e cultural de cada época, recebendo nomes diferentes, conforme Oliveira (1975, p. 180), tais como “Largo do Colégio, Largo de Anchieta, Largo do Palácio e até Praça João Pessoa”. Inclusive, o edifício que, imagetivamente, possibilitou meu vínculo com o lugar, é o Museu Anchieta. Não é original, mas uma réplica do edifício dos jesuítas do século XVII, construída nos anos 1970 e inaugurada em 1979.

³ Disponível em <<http://www.pateocollegio.com.br/newsite/conteudo.asp?i=i1>>. Acesso: 13 abr./2013.

A visita ao Museu Anchieta nos coloca em contato com sua história por meio do acervo de artefatos e imagens da evolução histórica da própria cidade de São Paulo, o qual inclui a salvaguarda de uma parede de taipa de pilão do século XVI, possivelmente a construção mais antiga da cidade. O Museu também revela que o Pateo do Collegio passou por inúmeras transformações morfológicas de uso ao longo dos séculos de ocupação – escola, igreja, hospital, casa de capitães gerais, secretaria da educação, museu.

Assim, foi observado que a literatura específica sobre a área tende a relacionar a origem de São Paulo ao batismo da terra realizado pelos padres da Companhia de Jesus e atribuir o crescimento e desenvolvimento da cidade aos atos missionários dos jesuítas. Nessa perspectiva, o Pateo do Collegio é solo abençoado pela fé religiosa, tal como transcrito nas citações a seguir:

Falar do Pátio do Colégio é evocar a sacralidade do chão onde repousam nossos maiores; recordar a vocação das sementes que se transformariam em caminhos de civilização, deixar de falar as sombras sobre o sol dos dias que passaram. Nessa clareira que é terço e sepultura, trincheira e templo, surge uma cidade. Velar por seu destino é dever de todos que trazem no sangue os gens do amor a São Paulo (BONFIM, 1975, p. 7).

São Paulo de Piratininga desenvolveu-se em torno do Pateo do Colégio, centro missionário do aldeamento jesuíta. A colonização portuguesa afirmou-se como difusora da fé e a Igreja Católica foi modeladora da vila colonial, adaptando ao espaço as ruas e casas desalinhadas, em volta do terreiro, da cruz, e da igreja, presença principal da paisagem (GORDINHO, 2010, p. 45).

Inclusive, ao lado da porta que dá acesso à nave central da Igreja do Pateo, essa ideologia está expressa em letras azuis sobre azulejos brancos: “Aqui, sob a cruz de Cristo, nasceu esta cidade dedicada ao apóstolo Paulo”.

Ainda, o largo do Pateo é um observatório da diversidade arquitetônica que foi envolvendo o Centro Histórico de acordo com a própria transformação cultural da cidade ao longo dos tempos. Como local de fundação da cidade de São Paulo, o Pateo do Collegio é área de valores histórico, arquitetônico, ambiental e paisagístico, reconhecidos pela decisão de tombamento por meio da resolução 17/2007 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, o CONPRESP.

Contudo, mesmo sem negar o intrínseco envolvimento da igreja e a importância de seu colégio na fundação de São Paulo, e o reconhecimento aos seus valores histórico e simbólico pelos atos administrativos de tombamento realizados pelo poder público para a cidade, parece que relacionar a importância do Pateo do Collegio somente a esses elos seria uma redução de suas potencialidades de valor, significado e afeto.

Dessa maneira, é possível afirmar que o Pateo do Collegio – núcleo da evolução e transformações da maior cidade do Brasil (desde vila até metrópole), espaço de fé, guardião de suas

memórias mais antigas, símbolo do desdobramento das históricas relações culturais, local de turismo, de encontros e/ou de ofício –, comporta potenciais qualidades de valor, significado, simbolismo e pertencimento que podem ser descobertas e reveladas, caracterizando-se como um *lugar emblemático e de acolhimento* na cidade de São Paulo. Motiva essa assertiva a aproximação afetiva com Pateo do Collegio, reconhecendo a cumplicidade com o lugar, um relacionamento descrito pela linguagem poética, de encanto e exaltação.

Não obstante, uma investigação sobre os lugares da vida humana não pode se reduzir a esses sentimentos de bem-estar e felicidade e requer a compreensão de que o local que admiramos e gostamos também pode despertar medo, ódio ou aversão em algumas pessoas, assim como pode ser indiferente e irrelevante para outras. Procurar pelos sentidos de lugar no Pateo, portanto, é mais profundo do que gostar ou não gostar, admirar ou detestar. É uma busca que reconhece o vínculo com os lugares – ou a ausência desse vínculo – como algo inerente à condição humana na Terra e, portanto, o sentido de lugar tem a ver com o sentido da própria experiência terrestre.

Do ponto de vista da geograficidade, portanto, o Pateo do Collegio é mais do que solo sagrado e histórico, porque é lugar público, sendo habitado, visitado, utilizado, vivido, amado, evitado, transformado etc. há mais de quatro séculos e meio por uma diversidade de culturas envolvidas entre si e o ambiente, tecendo uma dinâmica complexa que não pode ser ignorada. Afirmando isso porque minha experiência vivida em seu cotidiano revela grande heterogeneidade e densa complexidade que envolvem o Pateo do Collegio. Em menção direta à poética do espaço de Bachelard (1993), várias *rimas* possíveis foram observadas, vividas e até mesmo compartilhadas nesse lugar, que me é tão caro...

5. PATEO DO COLLEGIO E O COTIDIANO

Por exemplo: lembro-me de uma visita ao Museu Anchieta em um sábado à tarde, quando pude conhecer a cafeteria na área interior e, embora não tivesse nenhuma companhia para dividir a mesa para quatro pessoas, estava animado para saborear uma receita inspirada nas Cartas de Anchieta⁴, que é “Pão do Pateo”, pesando quase meio quilo, feito de mandioca e azeite (delicioso, diga-se de passagem)... assim, a solidão que me acompanhou até o lugar não resistiu ao ambiente preenchido pela harmonia do canto dos pássaros, do ritmo caudaloso da fonte e, principalmente, pelo som das conversas das famílias, amigos e turistas...

⁴ Trata-se do material escrito por Anchieta para seus superiores da Companhia de Jesus, entre 1554 e 1594, relatando a vida no colégio. Esse material foi organizado pela editora Civilização Brasileira e publicado em um único volume no ano de 1993.

Mas não somente a minha experiência *fala* do encanto do Pateo, uma vez que o lugar acolhe a diversidade sociocultural, tornando-se local de encontro de amigos, ponto de referência no Centro Histórico paulistano, área de entretenimento e lazer, estação de trabalho, atração aos turistas, fonte de referência para estudos em história, geografia e arquitetura. No seu cotidiano, há momentos em que se encontra praticamente vazio (figura 02) e, em momentos específicos, transforma-se em palco ou cenário para celebrar a cidade e seu próprio espaço (figura 03), a exemplo das datas comemorativas como o aniversário da cidade de São Paulo, e de eventos populares, como a Virada Cultural, promovida e organizada pela Secretaria da Cultura, enchendo de vida humana seu largo, agindo conforme Tuan (1983, p. 192) já havia alertado: “a visibilidade de uma cidade moderna carece de ocasiões públicas em que as pessoas saem às ruas e transformam-nas em palcos”.



Figura 02. Pateo do Collegio praticamente deserto.
Créditos: Ivan Fortunato, maio/2012.



Figura 03. Pateo durante a Virada Cultural de 2012.
Créditos: Ivan Fortunato, maio/2012.

O Pateo também é lugar de encontro e pista de treino de jovens que se divertem com seus *skates* e patins. É cenário para fotografias de turistas que capturam, pelas lentes de suas câmeras, o momento ali vivido. É igreja onde se celebram missas, casamentos, batizados etc. É material didático que ensina história e arquitetura. Para muitos, é local de trabalho. Para outros, é um trecho entre o metrô e o ponto de ônibus. É também lugar de acolhimento, de encanto, de ser, estar, flunar e de conversar com e sobre sua história, suas memórias, seus edifícios e ruas, enfim, de se conectar com sua ambiência multifacetada e misteriosa...

Uma aproximação inicial à percepção que esses usuários e habitantes têm do Pateo pode ser obtida por meio de conversas informais sobre o encanto desse lugar, relatos que contêm rudimentos do que é valorizado, ignorado ou rejeitado: é espaço de medo para alguns, sem importância para outros, e até desconhecido para algumas pessoas que transitam por lá; mas é também fascinante por causa de sua história, pela variedade e contraste arquitetônicos, como ambiente de aprendizagem histórica e cultural, e/ou pela ambiência que acolhe como lar.

Bachelard (1993, p. 25) escreveu: “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”. E essa “noção de casa” está estampada na paisagem do Pateo, pelo menos na perspectiva de uma das coletividades que vive seu cotidiano: os moradores de rua. Contudo, é necessário estar atento e, principalmente, interessado em encontrá-la. A maneira mais evidente está em observar a transição de seu ciclo diurno para o noturno.

Ao cair da noite, momento em que o ritmo agitado de circulação de pessoas no velho centro começa a desacelerar por conta do encerramento do horário comercial, o local praticamente se esvazia: as lojas e lanchonetes baixam suas portas, os ônibus passam cada vez menos pelos pontos de parada, os carros deixam os estacionamentos e as ruas. Apenas quem por lá resiste, e insiste em permanecer, tem a oportunidade de assistir a *outro* centro, que não é esse tomado pela enérgica agitação da grande cidade. Nessa hora, o largo do Pateo não é mais o dos turistas, dos estudantes, dos trabalhadores do Centrão, dos curiosos, dos garotos de *skate*... Quando o sol se põe, o Pateo do Collegio se torna abrigo, mesmo a céu aberto, de inúmeros moradores de rua. Muitos sem documento, e alguns até mesmo sem nome próprio e outros com várias identidades – constatação tecida a partir de inúmeras conversas que, espontaneamente, tive com essas pessoas, especialmente motivadas sobre o gosto pelo lugar. Alguns disseram que são paulistanos, outros imigrantes, e alguns até desconhecem sua origem... Transitam sem rumo nem prumo pelo Centrão, mas, ali no largo do Pateo e/ou nas suas proximidades adormecem nas noites sem chuva e procuram acolhimento nas marquises adjacentes quando chove.

Assim, no Pateo do Collegio, observa-se um ritmo que se inicia no entardecer e desaparece no sol nascente, quando o local retoma suas atividades cotidianas, e o usuário diurno quiçá nem se dá conta de que durante a noite e a madrugada o lugar torna-se morada. E mesmo que a *casa* não seja

objetivada em aposentos, ela é vivida pela imaginação que cria o conforto. Nada obstante, é mais interessante ainda notar o quanto essa busca por abrigo e acolhimento dessas pessoas ressoa com a visão de Bachelard (1993) sobre a necessidade humana de um lugar que se reconheça como casa. Para esse autor, é a imaginação que constrói o sentimento de casa, erguendo paredes (ainda que imaginadas), trazendo o conforto pela ilusão de proteção, permitindo sentir-se resguardado e, nessa casa imaginada e poeticamente erigida, aconchega-se; Bachelard (1993, p. 25) anotou: “vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos”. Daí uma pujante afirmação: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”.

Também é interessante notar como esse processo é ritmado: obedece ao ciclo do dia e da noite, indicando a transitoriedade e a “efemeridade” do lugar, noções mencionadas por Mello (2012, p. 40), que afirmou: “a maneira filosófica de agir das pessoas forjam espaços e lugares no decurso de horas para um mesmo local”. E talvez por isso mesmo que, à primeira vista, esta seleção de imagens e de relatos do cotidiano parece apenas casual. Contudo, essas linguagens refletem momentos de visitação ao Pateo, recortes da experiência calibrados pela acuidade perceptiva sobre um lugar que atrai pela sensação de bem-estar, e também pelo estímulo de lembranças afetivas. Ainda, o que foi observado e capturado nas conversas que tencionavam compartilhar o encantamento com o lugar são apenas reflexos da experiência direta, fragmentos do cotidiano, que surgiram como impulso do gosto declarado pelo Pateo do Collegio.

6. O CORAÇÃO VIVO DA CIDADE É UM LUGAR

Ao (re)conhecer a historiografia do Pateo do Collegio, que situam seu envolvimento com o crescimento e desenvolvimento da cidade de São Paulo, e a leitura panorâmica de seu cotidiano multifacetado desenvolveu-se arranjos embrionários de estudo, mas, embora incipientes, apresentam novas perspectivas de percepção e compreensão da área, oferecendo possibilidades de conhecer e valorizar o Pateo para além de sua simbologia como solo sagrado para fé cristã, ou pelos atributos que levaram ao seu tombamento.

Mais ainda, essas constatações sobre a existência de um cotidiano vivo no lugar possibilitam diálogo com as críticas de Harvey e Massey mencionadas por Relph (2012) e as considerações feitas por Pierre Nora (1993) sobre a existência de locais para manutenção da memória. Segundo Relph (2012, p. 21), os referidos autores tecem duras críticas aos estudos e escritos sobre o encantamento com os lugares e os sentidos de pertencimento e enraizamento, inferindo que não passam de utopias limitadas e textos romanceados sobre “locais de nostalgia” e, portanto, incapazes de compreenderem que os lugares são manifestações econômicas e políticas de uma sociedade globalizada.

Nessa mesma direção, Pierre Nora (1993) explica que a condição contemporânea, referida como pós-moderna e/ou globalizada, implica viver somente o tempo presente, sem se dar conta que essa almejada mundialização seria, em verdade, a massificação e a padronização da vida. Assim, a memória não teria mais espaço no cotidiano, sendo apenas o tempo presente, sem nenhum ancoradouro no passado. Para Nora (1993, p. 7), “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”, ou seja, a memória seria uma capacidade humana praticamente extinta, e os locais destinados à sua preservação, como é o caso do Pateo do Collegio, seriam apenas “restos” de uma existência cultural pretérita. Nessa direção, ao invés da continuidade da existência, esses “restos” se limitam a arquivar o passado, e tudo o que se chama memória seria somente história, na qual as experiências pretéritas não são atualizadas no tempo presente, porque ficaram para trás em seu momento ocorrido, desaparecendo junto com aqueles que as vivenciaram.

Entretanto, apesar de sua visão pessimista sobre o fim da memória e, com ele, a extinção das possibilidades criadoras da experiência e das potencialidades afetivas das lembranças, Nora (1993) encontra uma rota de fuga à massificação e a cristalização do passado nos lugares de memória, afirmando que além de “arquivo”, carregam consigo a capacidade de dar vida à própria memória, individual e coletiva... Para Nora (1993, p. 27), “o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade; e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações

Portanto, sem negar que a criação do Museu Anchieta, o ato de tombamento e a preservação da Igreja tornam o Pateo um “lugar de memória”, o que é sentido e observado nesse lugar ampliam seus significados: ali pessoas moram, se encontram, se divertem, trabalham, aprendem etc... Não só isso, porque creio que muitos de seus frequentadores desenvolvem suas experiências com encantamento, assim como eu, isto é, se conectam com este lugar sem se dar conta de suas dimensões histórica e simbólica. E assim como o Pateo do Collegio está presente em minha própria história, penso que as pessoas que ali vivem também conseguem localizar seu encontro com o Pateo em suas histórias de vida. Nessa direção, a cumplicidade com o lugar e as linguagens utilizadas para expressar nosso elo tornam-se o ponto de partida, do qual emergem inúmeras inquietações: Seria possível explicar a origem e os motivos desse vínculo afetivo com o lugar? Outras pessoas têm as mesmas sensações de acolhimento e bem-estar quando estão no Pateo ou dele se lembram? Porque as impressões e os sentimentos variam tanto na mesma área, isto é, de fascínio e encanto à aversão e medo? Como e porque o Pateo representa a casa (ou o lar) para tantas pessoas? Seus frequentadores conectam sua história de vida com o lugar?... Principalmente, pergunta-se: que lugar é esse?

Da particular relação com lugar, construída pela experiência direta a partir de um súbito encanto sentido quando, ao acaso, flanava pelas adjacências do Pateo, ficam vestígios de um sentimento muito parecido com a “experiência do cume” narrada por Besse (2006, p. 5), a respeito

das angústias de um poeta ao alcançar o ponto mais alto da montanha. Isso porque, analogamente, quando cheguei ao Pateo e descobri estar no local mais alto do Planalto de Piratininga, a contemplação da vasta paisagem paulistana e a sensação de estar no topo da colina histórica tornaram-se muito mais introspectivas do que contemplativas... Um exercício conduzido pela memória e pela nostalgia, pelos devaneios e pela imaginação..., um jogo entre as contingências do passado que me reconduziram à cidade de São Paulo, e um futuro sonhado, no qual inúmeras oportunidades hipoteticamente se descortinam, criando um mosaico de possibilidades de novas experiências... Nosso encontro com a essência do Pateo do Collegio elevou-se a um exame da própria tomada de consciência, da necessidade de reapropriação do próprio eu... Isso porque a íntima relação do Pateo do Collegio com a cidade de São Paulo ressoa com a minha própria jornada: nascido em São Paulo, fui me reencontrar ontologicamente na geograficidade do Pateo...

Ao final, depois dessa jornada geopoética sobre o sentido e a essência do Pateo do Collegio, espera-se não apenas colaborar com a salvaguarda de seus aspectos materiais para memória da cidade e de seus habitantes, mas, também, ampliar seus sentidos e significados para valorização desse lugar ontológico, que é, ao mesmo tempo, simbólico, acolhedor, encantador e presente nas mais diversas experiências cotidianas. Como utopia, a intenção é que este artigo demonstre a importância dos lugares para a vida, ao mesmo tempo em que motive o reconhecimento da importância do sentido de lugar como mobilizador da existência e das experiências humanas, tal qual o sentimento expresso aqui pelo Pateo do Collegio.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões (1554-1594). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. 562 p.

ANDRADE, Mário de. **Poesia**. Organizado por Dantas Motta. 3 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976. 94 p.

ARANTES NETO, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 142 p.

BAUDELAIRE, Charles. **The painter of modern life and other essays**. Translated by Jonathan Mayne. London: Phaidon Press, 1964. 224 p.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. 108 p.

BONFIM, Paulo. Apresentação. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 7, 1975.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

DONATO, H. **Pateo do collegio: coração de São Paulo**. São Paulo: Loyola, 2008, 273 p.

LIMA, Solange Ferraz. Pátio do colégio, largo do palácio. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 6-7, n. 1, p. 61-82, 1999.

LOMONACO, Maria Aparecida. O Pátio do colégio: um lugar de muitas memórias. In: BUENO, E. (Org.) **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 113-143.

MANGE, Ernest Robert de Carvalho. (ed.) **Pátio do colégio**. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1993. 41p.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.) **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012^a, p. 227-248.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Sobre ontologias. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.) **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012b, p. XIII-XVII.

MELLO, João Baptista Ferreira de O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.) **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 33-68.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, João Gualberto. Pátio do colégio nº 1. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 179-194, 1975.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. Tradução de Eduardo Marandola Junior. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Org.) **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. Tradução de Herbert Silvio Augusto Pinho. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SALGADO, Cesar. **Pátio do colégio: história de uma igreja e de uma escola**. São Paulo: Gráfica Municipal, 1976, 279 p.

TORRES, Terciano. **Pátio do colégio: uma história ilustrada a bico-de-pena**. São Paulo: Editora Globo, 2004, 112 p.

TUAN, Y. Surface phenomena and aesthetic experience. **Annals of the Association of American Geographers**, 79(2), p. 233-241, 1989.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1983. 250 p.

Trabalho enviado em 01/06/2016

Trabalho aceito em 29/08/2016